

MAZE RUNNER

ORDEM DE
EXTERMÍNIO

JAMES DASHNER



MAZE RUNNER

ORDEM DE EXTERMÍNIO

JAMES DASHNER

TRADUÇÃO: MAGDA LOPES





Editora: Flavia Lago
Editora assistente: Marcia Alves
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Bia Nunes de Sousa / Maria Alice Gonçalves
Direção de arte: Paula Fernández
Diagramação: Linea Editora Ltda.
Capa: Marcelo Orsi Blanco

Título original: *The Kill Order*

© 2011 James Dashner
© 2013 Vergara & Riba Editoras S/A
www.vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Capital Federal, 263
CEP 01259-010 | Bairro Sumaré | São Paulo | SP
Tel. | Fax: [55 11] 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-490-8

Impressão e acabamento: RR Donnelley
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dashner, James
Maze runner : Ordem de extermínio / James Dashner ; tradução Magda Lopes. – São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2013.

Título original: Maze runner : The kill order.
ISBN 978-85-7683-490-8

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

13-02909

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

*Para Kathy Egan.
Sinto demais sua falta.*

PRÓLOGO

Teresa olhou para seu melhor amigo e pensou como seria esquecê-lo.

A princípio, parecia ser impossível, embora já tivesse visto o efeito do Dissipador em dezenas de garotos antes de Thomas. Cabelos claros, olhos penetrantes e um constante olhar contemplativo – como aquele garoto poderia se transformar em alguém que não lhe fosse familiar? Como poderiam estar no mesmo lugar e comentar a respeito de algum cheiro desagradável ou zombar de alguém que tivesse um andar desengonçado nas proximidades? Como ela poderia ficar diante dele e não tomar a iniciativa perante a chance de se comunicarem telepaticamente?

Impossível.

E, no entanto, faltava apenas um dia.

Para ela. Para Thomas, era uma questão de minutos. Ele estava deitado na mesa de cirurgia, os olhos fechados, o peito subindo e descendo em uma respiração leve e regular. Já vestido com o uniforme obrigatório da Clareira, parecia uma foto do passado – um menino como tantos outros, tirando o cochilo habitual após um dia em uma escola comum, antes de as chamas solares e a doença terem transformado o mundo em qualquer coisa, *exceto* algo comum. Antes de a morte e a destruição tornarem necessário o roubo de crianças – e também de suas lembranças – e o envio delas a um lugar tão assustador quanto o Labirinto. Antes de se atribuir ao cérebro humano o nome de Zona de Conflito Letal e ele precisar ser observado e estudado – tudo pelo bem da ciência e da medicina.

Um médico e uma enfermeira haviam preparado Thomas e agora colocavam uma máscara em seu rosto. Ouviram-se cliques, silvos e apitos; Teresa observava enquanto os fios e os tubos de plástico deslizavam sobre a pele do amigo e eram inseridos nos canais auditivos de Thomas; viu quando as mãos dele se contraíram automaticamente nas laterais do corpo. De alguma maneira, devia sentir dor, apesar das drogas, mas jamais se lembraria disso. A máquina iniciou seu trabalho, extraíndo imagens da memória de Thomas. Apagou sua mãe, seu pai e toda a sua vida. Apagou *Teresa*.

Uma pequena parte dela sugeria que se enfurecesse. Que berrasse, gritasse e se recusasse a ajudar um segundo a mais sequer. Mas a maior parte era tão sólida quanto as rochas fora dali. Sim, a maior parte dentro dela endurecera-se na certeza profunda do que sofreria logo depois, quando o mesmo fosse feito com ela. Ela e Thomas provavam sua convicção submetendo-se ao que havia sido solicitado aos demais. E, caso morressem, que assim fosse. O CRUEL encontraria a cura, milhões seriam salvos, e a vida na Terra algum dia voltaria ao normal. Teresa estava convicta disso bem dentro de si, tanto quanto como de que os humanos envelheceriam e as folhas cairiam das árvores no outono.

Thomas soltou um suspiro contido, depois emitiu um gemido e seu corpo se mexeu. Por um segundo aterrorizante, Teresa pensou que ele levantaria, histérico devido à agonia – havia substâncias fazendo sabe-se lá o quê com o cérebro dele. Mas o amigo se tranquilizou e voltou a respirar suavemente. Os cliques e silvos continuavam, as lembranças dos melhores amigos sumindo como ecos ao longe.

Tinham feito a despedida oficial, e as palavras “*Nos vemos amanhã*” ainda soavam em sua cabeça. Por alguma razão, Teresa ficara realmente abalada quando Thomas as proferira, tornando o que estava prestes a acontecer ainda mais surreal e triste. Eles se *veriam* no dia seguinte, embora ela fosse estar em coma e ele não fosse ter a menor ideia de quem era ela, além de uma inquietação mental que talvez a tornasse familiar. Amanhã. Depois de tudo o que haviam passado – todo o medo, o treinamento e o planejamento –, a situação chegara a um ponto crítico. O que havia sido feito a Alby, Newt e Minho, e a todo o resto, seria feito a eles. Não havia volta.

Mas a calma era como uma droga dentro dela. Estava em paz, uma sensação tranquilizadora mantinha acuado o temor dos Verdugos e dos Cranks, por exemplo. O CRUEL não tinha escolha. Ela e Thomas... *eles* não tinham escolha. Como *alguém* poderia ter escolha? Não havia tempo para piedade, tristeza ou desejo. As coisas eram o que eram; o que estava feito estava feito; e o que estivesse por vir... viria.

Não tinha volta. Ela e Thomas haviam ajudado a construir o Labirinto; ao mesmo tempo, ela se esforçara muito para construir uma muralha que contivesse suas emoções.

Então esses pensamentos desapareceram, parecendo flutuar numa expectativa suspensa enquanto aguardava o procedimento de Thomas se completar. Quando enfim terminou, o médico pressionou vários botões na tela e os bipes e silvos ganharam um ritmo acelerado. O corpo de Thomas se agitou um pouco enquanto tubos e fios serpenteavam, saindo das posições invasivas até a máscara. Logo depois, ele voltou a ficar tranquilo e a máscara foi desativada, todo tipo de som e movimento cessou. A enfermeira se inclinou para a frente e retirou o objeto do rosto de Thomas. A pele dele estava vermelha e marcada com as linhas de apoio da máscara. Os olhos ainda se encontravam fechados.

Por um breve momento, a muralha que continha a tristeza de Teresa pareceu à beira de um desmoronamento. Se Thomas se levantasse agora, não se lembraria dela. Teresa sentia medo – quase pânico – de saber que logo se veriam na Clareira, mas que não se reconheceriam. Era um pensamento insuportável que lhe lembrava vivamente, antes de mais nada, de por que havia construído aquela muralha. Como um construtor empilhando tijolo após tijolo e arrematando a estrutura com cimento, ela fechou a fenda. Com solidez e consistência.

Não havia volta.

Dois homens da equipe de segurança vieram ajudar a mover Thomas. Levantaram-no da cama, erguendo-o como se fosse um saco de batatas. Um deles segurou o menino inconsciente pelos braços, o outro pelos pés, e o colocaram em uma maca. Sem dirigirem o olhar para Teresa sequer por um segundo, dirigiram-se à porta da sala de cirurgia. Todos sabiam para onde Thomas estava sendo levado. O médico e a enfermeira passaram ao trabalho da limpeza – o serviço deles tinha terminado. Teresa acenou com a cabeça para eles, embora nenhum dos dois estivesse olhando, e depois seguiu os homens pelo corredor.

Mal conseguiu olhar para Thomas enquanto percorriam a longa jornada através dos corredores e elevadores do quartel-general do CRUEL. A muralha havia enfraquecido de novo. Thomas estava muito pálido, e seu rosto, coberto de gotas de suor. Era como se estivesse, em algum nível de consciência, reagindo às drogas, sabendo das coisas terríveis que o aguardavam pela frente. Muralha estúpida aquela. Para que servia, afinal? Não seria retirada dela junto com todas as demais lembranças?

Atingiram o porão, sob o complexo do Labirinto, e andaram pela despensa ao longo das fileiras de prateleiras com suprimentos para os Clareanos. Estava escuro e frio ali, e Teresa sentiu os braços se arrepiarem. Estremeceu ao deslizar a mão sobre eles. Thomas se contorcia e dava solavancos na maca à medida que esta se aproximava da superfície de concreto, um semblante de terror ainda tentando romper a aparente tranquilidade do rosto adormecido.

Chegaram ao fosso do elevador, no qual havia o grande cubo de metal.

A Caixa.

Havia apenas poucos andares sob a estrutura da Clareira, mas seus habitantes eram manipulados a acreditar que a viagem para cima era uma jornada impossível, longa e árdua. Tudo visava estimular uma série de emoções e padrões cerebrais, desde confusão até desorientação, passando pelo horror absoluto. Um início perfeito para aqueles que mapeavam a Zona de Conflito Letal de Thomas. Teresa sabia que ela mesma passaria pela experiência no dia seguinte, levando um bilhete amassado na mão. Mas pelo menos estaria em estado comatoso, poupada daqueles instantes de trevas em movimento. Thomas não; ele acordaria na Caixa, totalmente sozinho.

Os dois homens o conduziram para perto da Caixa. Houve um rangido terrível de metal contra cimento quando um deles arrastou uma escadinha para perto do cubo. Alguns momentos de dificuldade enquanto subiam juntos os degraus e ao mesmo tempo seguravam Thomas de novo. Teresa poderia ter ajudado, mas recusou-se, obstinada o bastante para apenas se manter em pé ali, olhando, enquanto reforçava ao máximo as fendas de sua muralha.

Com alguns resmungos, os homens conduziram Thomas até a extremidade da Caixa. O corpo dele foi posicionado de tal maneira que os olhos fechados se

voltaram para Teresa uma última vez. Embora soubesse que ele não poderia ouvir, ela se aproximou e falou com o amigo mentalmente.

Estamos fazendo o que é certo, Thomas. Veja você do outro lado.

Os homens se inclinaram e baixaram Thomas pelos braços até onde foi possível; depois, soltaram-no pelo restante da trajetória. Teresa ouviu o ruído do corpo desmoronando lá dentro no aço frio da superfície. Seu melhor amigo.

Deu meia-volta e se afastou. Atrás dela, o som distinto de metal deslizando sobre metal, depois um estrondo alto e vibrante quando as portas da Caixa se fecharam. O destino de Thomas, seja qual fosse, já estaria selado.

TREZE ANOS ANTES

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

